



no Globo de Ouro

» RICARDO DAEHN
» JOSÉ CARLOS VIEIRA
» SEVERINO FRANCISCO

Se, no personagem do cinema de *O agente secreto*, Wagner Moura lutou contra o apagamento histórico, no palco do Beverly Hilton Hotel (Los Angeles), o filme deu continuidade à luminosa trajetória de prestígio, ao vencer o Globo de Ouro de melhor ator. *O agente secreto* é um filme sobre memória, ou falta de memória, e trauma geracional. Eu acredito que se o trauma pode ser passado de geração para geração, os valores também podem. Este prêmio vai para aqueles que estão se mantendo fiéis aos seus valores nos momentos difíceis. Viva o Brasil! Viva a cultura brasileira", disse o baiano, nascido em Rodelas, no sertão da Bahia. Para quem esperava um discurso emocionado e de improviso, ao estilo do feito por Fernanda Torres (vencedora do ano passado, por *Ainda estou aqui*), a expectativa se concretizou. O artista foi o primeiro ator brasileiro a conquistar a honraria atribuída por aproximadamente 300 jornalistas votantes, e que representam fatias de culturas diversas de mais de 70 países. Até hoje, apenas o aposentado ator carioca, criado no exterior, Daniel Benzal, disputou a premiação, pela série *Murder One*.

Bele diferente da vitória na categoria de melhor ator no Festival de Cannes, quando Wagner filmava em Londres uma cena com recolhimento de fezes de um cachorro, e sem poder compartilhar aquela vitória (pela falta de intimidade com os colegas de set), no palco do Globo de

Ouro, foi aplaudido por centenas de celebridades. Com a vitória no Globo de Ouro, Wagner Moura se reafirma como um nome quente para a lista dos indicados ao Oscar (a ser anunciada no próximo 22). Reforço no passaporte internacional de Sônia Braga, o Globo de Ouro (que, no passado, destacou talentos de Fernanda Montenegro e Fernanda Torres) fortalece a visibilidade do intérprete, que, em *O agente secreto* vive os personagens Marcelo, um homem perseguido durante a ditadura dos anos de 1970, e, Fernando, um jovem empatia desconexão com as mazelas autoritárias e com os laços de família.

Pouco antes, o diretor Kleber Mendonça Filho subiu ao palco para receber o troféu de Melhor filme de língua não inglesa e o dedicou aos jovens diretores. "Esse é um momento importante na história para se fazer cinema aqui nos Estados Unidos, no Brasil. Jovens cineastas continuem fazendo filme"

Em nota nas redes sociais, o presidente Lula comemorou a premiação: "Viva o cinema brasileiro, que segue sendo sinônimo de orgulho nos principais palcos do país. *O agente secreto* é um filme essencial para não deixar cair no esquecimento a violência da ditadura e a capacidade de resistência do povo brasileiro".

Passe valorizado

Dez anos depois de interpretar o contraventor Pablo Escobar, na série *Narcos* (quando da primeira indicação ao Globo de Ouro), Wagner voltou a mobilizar a torcida dos maratonistas de série, novamente disputando prêmio de ator, pela série *Ladrões de drogas*, que teve direito a episódio dirigido por Ridley Scott.

Muito comparado, pela trajetória internacional, ao filme *Ainda estou*

aqui (que teve público brasileiro na ordem de 5,8 milhões), *O agente secreto* concentra, na França, público superior a 300 mil, e no Brasil, acumula mais de 1,1 milhão de pagantes. Caminha, nos Estados Unidos, para renda de US\$ 2 milhões (visto em mais de 130 cinemas). A repercussão do filme *O agente secreto* ficou ainda mais forte depois da pré-indicação ao Bafta (prêmio da academia britânica), na última sexta-feira, com prévia de seleção pelo roteiro original (de Kleber Mendonça Filho) e melhor filme internacional.

Numa rede fortalecida de premiações, Wagner Moura acumula feitos raro, tendo vencido o segundo lugar da votação do New York Film Critics Circle Association (que, em 1982, deixou Marília Pêra como vice-ganhadora, por *Pixote*). A performance ainda foi celebrada no Festival de Cinema de Chicago, no festival de Newport Beach, no Círculo de Críticos de Londres e no âmbito do Satellite Awards. O filme rendeu para Wagner prêmios pela Associação Paulista de Críticos de Arte e pelo circuito on-line de críticos de Boston.

Exaltando, publicamente, a parceria com o criador de *O som ao redor* ("um dos maiores filmes brasileiros de todos os tempos"), Kleber Mendonça Filho (de *O agente secreto*), Wagner tem incrementada a carreira estrangeira integrada, entre outras, por participações em séries como *S. e Sra. Smith e Iluminadas*. Doze anos depois de ter plantado a semente da carreira estrangeira, com a ficção-científica *Elysium*, que teve participações de Alice Braga e Jodie Foster, o ator baiano já tem olhos para novos projetos: dirigirá *Last night at the Lobster*, em torno de restaurante decadente da Nova Inglaterra, e estará em *The last day*, filme de Rachel Rose sobre temas como fortuna, suicídio e escolhas amorosas erradas.

Dimensão internacional

Há 25 anos, o teatro e a união com os colegas Vladimir Brichta e Lázaro Ramos, na exitosa peça de João Falcão *A máquina*, mudaram para sempre o curso do ator Wagner Moura, hoje, um privilegiado morador de Los Angeles, ao lado da fotógrafa e esposa Sandra Delgado, e do trio de filhos: Bem, Salvador e José. Foi pelas mãos de Walter Salles, o mesmo de *Ainda estou aqui*, que o cinema sorriu para Wagner, que teve personagem em *Abril despedaçado* (2001), estrelado por Rodrigo Santoro.

Ainda que celebrado no teatro, pelas elogiadas participações em *Hamlet* (2008) e *Um julgamento — Depois do inimigo do povo*, adaptação para o cinema de Henrik Ibsen, em 2025, é pelo cinema que Wagner se estabeleceu. Claro que a teve serviu como veículo de popularidade, com a participação dele em *Paraiso tropical* (2007), na pele do cafajeste Olavo.

Cada vez mais, uma figura internacionalizada, ele nunca cansa de reiterar o posto de "ator brasileiro". Intérprete de filmes de sucesso de Cacá Diegues (*Deus é brasileiro*), Jorge Furtado (*Sanamento básico, o filme*), Heitor Dhalia (*Serra Pelada*) e Karim Ainouz (*Praia do Futuro*), Wagner Moura teve uma guinada de vida, a partir da interpretação do ator-mor de *Capitão Nascimento*, no filme que venceu o Urso de Ouro no Festival de Berlim, em 2007, *Tropa de Elite*. Ritos de violência também cercaram dois estrondosos títulos com participação de Wagner: *Carandiru* (2003), que levou mais de 4,6 milhões de brasileiros para os cinemas, e *Tropa de Elite: O inimigo agora é outro*, que arrebatou público superior a 11 milhões de espectadores.

Até a conquista de estar no internacional *Guerra civil*, filme contestado de Alex Garland para Estados com comandos questionáveis, e que rendeu mais de US\$ 127 milhões em bilheteria, Wagner desbravou telas com Sérgio (de *Greg Barker*), detido na figura do diplomata Sérgio Vieira de Mello, esteve em *Agente oculto*, dos irmãos Anthony e Joe Russo, e ainda estrelou a fita de Olivier Assayas, *Wasp Network: Rede de Espiões* (2019), que trata da vida de presos políticos cubanos.

Sempre afiado em posicionamentos políticos, recentemente, em entrevista a *The Hollywood Reporter*, Wagner voltou a comentar do "momento muito ruim para o Brasil", entre 2018 e 2022. Amenizou o painel de desrito ao *Correio*, em 2021, quando assinou que "A eleição do Bolsonaro nos reconectou com o Brasil profundo, racista, que tem história de autoritarismo e traços golpistas e elitistas", ocasião em que associou o ex-presidente a um "furúnculo".

Escolado em viver golpistas (como o estelionátor Marcelo, de *VIPS*) e o vilão Wolf (para quem cedeu a voz na animação *Gato de Botas 2: O último pedido*), tem iluminado, na imprensa internacional, as consequências da perplexidade que o conectou politicamente ao realizador Kleber Mendonça Filho. No exterior, falou do período ultrapassado de descaso do antigo governo, junto a universidades, jornalistas e artistas. Na imprensa, relembrou da luta armada de *Marighella*, que ele retratou em filme (que estreou no Festival de Berlim de 2019) e foi "censurado" no Brasil, segundo ele, por meio de "cínica" rede de empêchos para o lançamento.